PE. FRANCISCO LONGINO GUILHERME DE MELO
(O VERDEIXA MOSSORÒENSE)

MOZART SORIANO ADERALDO

Quando da divulgação de "Minha árvore genealógica", na qual há muito trabalhava, colhendo elementos na tradição oral e em documentos antigos, tive oportunidade de dizer, acêrca de meu avô materno — o tenente-coronel Manuel Soriano Guilherme de Melo —, que emigrara de Mossoró, terra sua e de seus ascendentes, para Brejo dos Anapurús, no Maranhão, sem que explicação houvesse para êsse deslocamento, hoje não fácil e quase impossível naquele recuado e calamitoso ano de 1845.

Família influente e abonada a sua, não teriam sido as dificuldades econômicas que o impeliram para tão distante e diversa região. Dêsse evidente prestígio e não pequena prosperidade dá-nos notícia Francisco Fausto de Sousa, quando diz que o pai de meu avô materno era "um rico fazendeiro". ("Mossoró no Século XIX" — Biblioteca Pública Municipal de Mossoró, Coleção Mossoròense, Série B, Folhetos, nº 12 — Mossoró — Dezembro de 1953 — Pág. 7.) Disto é prova a **casa de pedra** que, a dezoito quilômetros da cidade de Mossoró, na fazenda chamada Camurupim, foi levantada pelo mesmo meu bisavô materno, Simão Guilherme de Melo. Visitei-a no segundo semestre de 1953, quando de uma viagem feita a Mossoró, em companhia dos drs. Tomaz Pompeu Sobrinho, Raimundo Girão e José Pompeu, para tratar dos controversos limites do Ceará com o Rio Grande do Norte. Dessa casa de pedra nos fala o memorialista João Jacinto da Costa, assim relatando a sua história: — "Residindo Simão Guilherme de Melo em uma casa de taipa no Camurupim resolveu edificar uma melhor. A êsse tempo tinha êle mandado seu comboio até o Ceará à procura de farinha. A viagem era feita pelo Tibau e sempre pela praia. Ao regressarem traziam os portadores a notícia de um tremor de terra, que teria jogado cavalos e cargas ao chão, informação que veio coincidir com o seguinte fato que se passara com a mulher de Simão Guilherme de Melo. Morava êste na casa de taipa já um pouco estragada, quando sua esposa, depois de dar

à luz uma criança, assustou-se certo dia com o tremor das varinhas da parede. Pessoas que ouviram sua reclamação, embora soubessem que o fato se tinha passado realmente, procuraram convencê-la do contrário. O tremor de terra que se deu no ano de 1808 foi assim observado em lugares diversos, dentre êles no Camurupim e no caminho para o Ceará pela praia. Nesse ano de 1808 foi que Simão Guilherme de Melo construiu o velho solar de sua família, que ainda hoje, 141 anos passados, tendo servido de tecto e abrigo a 5 gerações de Guilherme de Melo, conserva a sua antiga feição, tendo havido apenas remodelação de madeiras". ("Minhas Memórias de Santa Luzia de Mossoró" — Biblioteca Pública Municipal de Mossoró, Museu Municipal de Mossoró, Coleção Mossoròense, Série B, Folhetos, nº 3 — Santa Luzia de Mossoró — 1949 — Págs. 9 e 10.)

Qual a causa, então, daquela transmigração?

Confesso que até pouco tempo não atinara eu com o motivo determinante, embora conhecesse, por tradição de família, algumas das façanhas do Pe. Francisco Longino Guilherme de Melo, irmão de meu avô materno. Hoje, que possuo melhores informações a respeito de seu temperamento irrequieto e turbulento, causa de não pequenas refregas na então humilde povoação de Santa Luzia de Mossoró, posso comparar aquele meu parente, sem desmerecimento de um para o outro, com o nosso inolvidável Pe. Verdeixa. E concluir, sem receio de engano, que meu avô se viu compelido a emigrar porque, sendo pacato e ordeiro, como seus parentes em geral o eram, não se adaptava às cenas de violência em que o irmão mais velho se envolvia. Não fale, a respeito, a voz suspeita de um neto; passemos a palavra a Francisco Fausto de Sousa, que, em outro trabalho de sua lavra, cuja edição mimeografada não ultrapassou 40 exemplares "exclusivamente destinados aos estudiosos da História Social" — como se lê na capa —, declarou o seguinte: — "A família Guilherme de Mossoró, conhecida como ordeira, composta geralmente de homens pacíficos, tolerantes, de índole boa, entre os quais citamos os nomes dos pacíficos cidadãos capitão Simão Guilherme de Melo (pai do Pe. Longino), Manuel Guilherme de Melo, José Maria Guilherme de Melo (tios paternos do Pe. Longino), capitão Simão Balbino Guilherme de Melo, tenente-coronel Manuel Soriano Guilherme de Melo (irmãos do Pe. Longino), tenente-coronel Miguel Arcanjo Guilherme de Melo, capitão João dos Reis Guilherme de Melo, Manuel Januário Guilherme de Melo, Geraldo Joaquim Guilherme de Melo (parentes do Pe. Longino) e tantos outros descendentes dessa numerosa família que sempre primou pela mansidão e bondade de coração e de respeito, custa a crer que surgisse um de seus membros ordenado, revestido de hábitos sacerdotais, de gênio e procedimento inteiramente contrários ao de toda ela, cujos fatos pelo mesmo praticados viessem um dia entristecer a história de sua terra causando desgôsto a toda sua família, aos seus patrícios, enfim". ("Apontamentos históricos sôbre o Padre Francisco Longino Guilherme de Melo — 1802-1878" — Santa Luzia de Mossoró — Junho de 1949 — Pág. 5.)

A respeito dêsse desgôsto de meu avô, quanto ao procedimento de seu irmão sacerdote, a crônica regista que, certa feita, ainda residindo em Mossoró (antes de 1845, ano em que, contando apenas 25 anos, se mudou para o Maranhão), fôra ajudar u'a missa a ser celebrada por Pe. Longino, portando-se êste último tão mal a ponto de provocar uma "picante altercação" com meu avô, que repelira seu procedimento "com a devida energia que lhe era própria", a meu avô. "Ardendo em ira", Pe. Longino "declarou alto e bom som que iria celebrar

aquela missa para o diabo ouvi-la... Dito isto, todo o povo que alí se achava evacuou a igreja, fugindo horrorizado..." ("Apontamentos..." — Idem — Pág. 7.) Isto mesmo foi, depois, glosado em versos pelo inimigo pessoal do Pe. Longino, seu colega de sacerdócio José Antônio Lopes da Silveira, por aquêle anteriormente atacado em versalhada atrevida, utilizando o pseudônimo de Poeta Improvisado. Ouçamos o Pe. Silveira:

> No primeiro de janeiro,
> um dia tão festejado,
> disse missa para o diabo
> O Poeta Improvisado. ("Apontamentos"... — Idem — Pág. 8.)

Centenas de quadras como esta tentaram celebrar as peripécias do Pe. Longino. Mas vamos por parte, tanto quanto possível cronològicamente...

Leonardo Mota, auxiliado pelo Pe. Antônio Gomes de Araujo, descobrira, afinal, que o Pe. Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa nasceu no Crato, a 3 de janeiro de 1803. Deu trabalho chegar a essa conclusão, tais as confusões que o próprio Verdeixa semeava a respeito. Mais ou menos pela mesma época (15 de março de 1802) nascia o futuro Pe. Francisco Longino Guilherme de Melo, na fazenda Camurupim, povoação de Mossoró, freguesia de Apodí, segundo reza seu assentamento batismal, lavrado muitos anos depois, em 1820 (pelo fato de não ter sido feito em tempo próprio), para o fim de servir de documento primordial à sua futura ordenação eclesiástica. Eis o teor do referido assentamento: "Francisco, filho legítimo de Simão Guilherme de Melo e de Inácia Maria da Paixão, nasceu aos quinze de março de mil oitocentos e dois, foi batisado na Capela de Santa Luzia pelo Revedo. Padre José de Jesus Barreto, de licença do Revedo. Vigário Manuel Correia Calheiro Pessoa, aos quatro de abril do dito ano, com os santos óleos, foram padrinhos: Francisco Lourenço da Costa, solteiro, e Geralda Joaquina, mulher de Manuel Guilherme de Melo, do que para constar fiz êste assento em que assinei. — José Ferreira de Mota — Coadjutor do Apodí". ("Apontamentos" — Idem — Págs. 1 e 2.)

Com menos de dez meses de diferença, Verdeixa e Longino palmilhariam caminhos paralelos, notabilizando-se tristemente, embora a custa de galhofas, algumas vezes.

Não se sabe, ao certo, o motivo determinante da ida do futuro Pe. Longino para o Seminário de Olinda — se a simples praxe de as famílias abastadas mandarem os filhos estudar na metrópole regional, se o antigo costume de possuir cada família categorizada pelo menos um filho padre. A respeito dêsse costume, Capistrano de Abreu esclarece: "Os mulatos (e muito menos os negros, reduzidos à condição de escravos, digo eu) não podiam receber as ordens sacras"..., "daí o desêjo comum de ter um padre na família, para provar limpeza de sangue". ("Capítulos de História Colonial" — 4ª. edição — Sociedade Capistrano de Abreu — Rio — 1954 — Pág. 66.) Vocação é que não havia, certamente, embora frequentasse o menino o colégio do Pe. José da Mota, no Apodí, depois de haver aprendido as primeiras letras com um frade leigo, do Hábito dos Santos Lugares, o chamado Irmão Reis. ("Apontamentos" — Idem — Págs. 1 e 2.) Aliás, é coisa sabida e proclamada pelos historiadores e sociólogos a superficialidade com que se preparavam, intelectual e moralmente, os sacerdotes nordestinos, quiçá brasileiros, naquelas recuadas éras da

conquista da terra. Guarda a tradição que os primeiros bispos do Maranhão, acompanhados de alguns missionários, varavam o interior da região, batizando, crismando, casando e pregando a doutrina, após cujo apostolado escolhiam os melhores rapazes da terra, socialmente considerados, para, num retiro de poucos dias, — uma semana, talvez — prepará-los para o sacerdócio, se nisso consentiam! É que, para aqueles antístites, seria preferível existir quem administrasse os sacramentos, embora sem a preparação intelectual e moral condizente com sua dignidade, do que a completa falta de assistência religiosa a um povo em marcha de conquista. Verdade ou exagêro, a coisa não devia andar muito distante dessa história. Confirme-o o livro do santo bispo D. Francisco de Paula e Silva, de quem guardo carinhoso cartão dirigido a minha mãe, em cuja obra se contam casos menos graves mas denunciadores da deficiente formação do clero maranhense naquelas priscas éras. Justiça seja feita, o mal não era tão generalizado nem se limitava ao Maranhão. Aqui, no nosso Ceará, de tão gloriosas tradições religiosas, de clero limpo e apostólico, a história regista antigos fatos de arrepiar. João Brigido conta para a posteridade a tradução que o Pe. João Francisco, do Aracati teria feito, para o bispo de Pernambuco, em viagem de inspeção a estas longínquas paragens, do texto latino "Franciscus, fidelis servus Domini", assim vertido para a língua nacional por aquêle sacerdote — "Francisco Fidelis, servo do Senhor"! E, à estupefação do bispo, confirmara o padre — "Sim senhor, conheço muito o Xiquinho Fidelis. É do Aracati, da família coronel". O mesmo escritor conta, adiante, que o Pe. João Francisco teria dito a D. João da Purificação que Cristo nascera "lá da outra banda, na terra dos marinheiros", nome com que se crismava Portugal. E, para caracterizar melhor ainda a sua ignorância, ficou registrado que, certa feita, dizendo o pai de uma criança que esta seria batisada com o prenome Lucas, o Pe. João Francisco respondera que o nome verdadeiro era Luiz. Lucas era apelido que se chamaria em casa! ("O Ceará — Ad ridendum" — Tipografia Moderna a vapor — Ceará — 1900 — Págs. 113 e 114.)

Confirma semelhante desleixo a palavra autorizada de Leonardo Mota, quando diz que "naquele tempo os sacerdotes eram um tanto improvisados, digo, ordenavam-se sem a devida preparação intelectual, para mencionar apenas um aspecto da formação que lhes faltava". ("Notas para a História Eclesiástica do Ceará" — In "Revista do Instituto do Ceará", tomo LX, ano LX — 1946 — Pág. 209.)

Mas... voltemos ao Pe. Longino, que recebeu a ordem sagrada do presbiterato em Olinda, no mês de novembro de 1826. ("Apontamentos"... — Idem — Pág. 2.) Ainda no velho seminário pernambucano, guarda a tradição oral da família que êle fugia, à noite, escalando muros, para namorar. Tal atitude, aliás, não devia escandalizar condiscípulos e quiçá mestres, pois da orientação do afamado Seminário dá-nos notícia o dr. Fernandes Távora, quando, ao falar daquele que seria o Apóstolo do Nordeste, o nosso inolvidável Pe. Ibiapina, declarou que "ao ingressar no Seminário de Olinda, ainda muito jóvem, não lhe agradaram as normas seguidas naquele educandário, onde o cartesianismo e o racionalismo de 1789 predominavam, dando-lhe, segundo a opinião insuspeita do padre Carlos Coelho, uma feição laicista e quase irreligiosa". ("Personalidade social e cívica do Padre Ibiapina" — In "Revista do Instituto do Ceará", tomo LXVI — Ano LXVI — 1952 — Pág. 246.) Antes, o dr. Távora já aludira ao "nível moral daquele educandário" que não agradara ao futuro Pe. Ibiapina. (Idem — Pág. 242.)

Voltando à terra natal, Pe. Longino celebrou a primeira missa, na capela

de Santa Luzia de Mossoró, aos 2 de fevereiro de 1827, assistindo no dia 8 seguinte, na fazenda Camurupim , ao casamento de sua irmã Luzia Ciríaca de Melo com João Miguel da Costa. ("Apontamentos" — Idem — Págs. 2 e 3.)

Nesse ano de 1827 assumiu êle a capelania de Mossoró, em cujas funções demorou até 1833, quando foi suspenso de ordens, em consequência da onda de reprovação que suas atribuladas atitudes provocavam. Cumularam estas com o fato sanguinolento ocorrido no início daquele ano, de que foi um dos principais protagonistas o Pe. Longino. Cedamos a palavra a Francisco Fausto de Souza: — "A 17 de janeiro de 1833 o fazendeiro Jerônimo de Sousa Rocha casava sua filha Joaquina Carlota de Sousa com Manuel Machado Menezes Glória, sendo celebrante do ato em casa daquêle fazendeiro, na Ilha de Dentro, o Padre Francisco Longino. Depois da cerimônia seguiu-se um jantar regado por execelente e excessivo vinho, nele tomando parte o Padre e muitos outros convidados. Após o ágape, passaram todos a palestrar na maior harmonia. Sucede, porém, que, tendo Pedro Alves Ferreira dado algumas moedas de prata e ouro para João Ferreira Butrago guardar, Longino pede as mesmas a Pedro para examinar. Como Pedro Alves e João Ferreira se recusam a mostrá-las ao Padre, origina-se uma discussão entre o Padre e Pedro Alves, intervindo em favor dêste Antônio Basílio de Sousa, que investe com uma faca contra o Padre. Outras intervenções surgidas são no sentido de tomar a faca a Basílio. Tudo então parecia serenado, mas o Padre, furioso que ainda estava, vai à sala e volta de faca em punho que havia guardado dentro de umas botinas e na ira sanguinária, no páteo da casa, investe contra seu protagonista, dando-lhe seis facadas. Dêste crime foi procedido o competente inquérito, sendo o Padre Longino processado e afiançado". ("Mossoró no Sec. XIX" — Idem — Pág. 7.) O mesmo Francisco Fausto de Sousa relembra, noutro documento, êsse episódio, onde esclareceu que a vítima, antes de atingida, "se achava bravateando no terreiro da casa", o que não absolve mas atenua a falta do agressor. ("Apontamentos"... — Idem — Pág. 12.) O Pe. Silveira, vingando-se da versalhada que seu endiabrado colega lançara contra êle, relata o episódio nestas duas quadras:

Antônio Basílio de Sousa,
sendo por dois agarrado,
seis facadas lhe cravou
O Poeta Improvisado.

Valla-me a Mãe de Deus
— diz o pobre assassinado.
Nem esta te há de valer
— diz o Poeta Improvisado.

("Apontamentos"... — Idem — Pág. 22.)

A despeito dos versos falarem em assassinato, a vítima conseguiu escapar, tratado que foi Brasílio por um "inteligente curandeiro". (Apontamentos..." — Idem — Pág. 12.)

Por êsse crime,viu-se processado o Pe. Longino, que prestou fiança e não respondeu a juri, apesar de a lei o exigir.

Demorando-se em Mossoró mais doze anos, pois se retirou da região em 1845, como já ficou dito, realizou, nesse período, outras aventuras que a crônica regista.

Primeiramente, foram-lhe restituidas as ordens sacras em 1839 pelo bispo de Pernambuco, Dom João da Purificação Marques Perdigão, quando da visita pastoral que fez ao Apodi, naquele ano. Dessa vitória jactava-se o sacerdote, a ponto de seu colega desafeto versejar:

Andando o bispo Dom João
correndo o seu bispado,
no Apodi o foi ver
o Poeta Improvisado.

Veio contando por fúria
que o bispo tinha abençoado
da cabeça até os pés
o Poeta Improvisado.

("Apontamentos"... — Idem — Pág. 13.)

Antônio Basílio, a vítima, não esqueceria a afronta. Morador nas praias da Redonda, deixara sua terra várias vezes para emboscar o Padre, com o intuito de assassiná-lo. Mas Pe. Longino, a exemplo de Verdeixa, tinha um como sexto sentido, tomando tais precauções que aquêle jamais pôde realizar o seu intento criminoso. É que o Padre, sendo "valente e destemido, Basílio temia atacá-lo à descoberta", ("Apontamentos"... — Idem — Pág. 13.) Tipo do cabra, "tocador de viola, insolente, cachaceiro e perverso", Basílio perseguiu Pe. Longino com tal tenacidade que êste, declaradamente porisso, pediu escusas de não se empossar no cargo de vereador da Câmara Municipal de Apodi, morando distante treze léguas da vila. ("Apontamentos"... — Idem — Págs. 13 e 14.)

A intiga com os Ferreira Butrago começara, assim, no sítio Ilha de Dentro, naquele ano de 1833, e só terminaria com a viagem do padre ao Maranhão, em 1845.

João Ferreira da Costa, vulgo Butrago, "homem de má índole e assassino" ("Mossoró no Século XIX" — Idem — Pág. 7), havia sido amigo de Pe. Longino. "Era natural de Mossoró, filho ilegítimo de um português que na segunda metade do século dezoito residiu em Santa Luzia, o qual se chamava José da Costa Oliveira Barca; porém em Mossoró usou do nome de Manuel Ferreira. Tivera êsse filho em uma mulher de nome Máxima Maria da Conceição, natural da ribeira do Jaguaribe", ("Apontamentos"... — Idem — Pág. 15.) É de se concluir que, vindo de tão escusa procedência, João Ferreira Butrago já houvesse cometido crimes quando se desentendeu com Pe. Longino. Reza a tradição, registrada por Francisco Fausto de Sousa, que "existia em Mossoró um português de nome Cipriano Varela que se casou com uma moça filha do lugar de nome Quitéria Rita, da qual tivera dois filhos — Florêncio Varela e Manuel Varela. João Ferreira namora-se de Quitéria Rita e para chegar a seus fins assassina Cipriano Varela, marido daquela, casando-se depois com a mesma. Êste crime envôlto no mistério ficou impune! Uma cruz, porém, que ainda hoje existe no lugar Saco do município de Mossoró, o atesta, com a confirmação da tradição que nos transmitiram nossos maiores. João Ferreira e Quitéria Rita tiveram cinco filhos, os quais se chamavam Antônio Ferreira da Costa, João Ferreira da Costa Júnior, vulgo João Ferreira Moço, Acúrcio Ferreira da Costa, vulgo Cursino, Lourenço Ferreira da Costa e Maximiano Ferreira da Costa. Quitéria Rita, assim como havia sido infiel para

seu primeiro marido, tinha de ser também para o segundo, afirmando a tradição que teve ela mais dois filhos, além dos já mencionados, os quais se chamaram João José Barbosa e Germano, vulgo Carnaùbal, sendo o primeiro filho pelo lado paterno do português José Barbosa Braga, e o segundo de Felipe de Mendonça Vasconcelos, ambos moradores em Santa Luzia. Os nove filhos de Quitéria Rita nasceram em Mossoró, ali se criaram, atingindo todos a maioridade com os mesmos instintos e costumes de seu pai e padrasto, o **velho tuchaua** João Ferreira Butrago, em companhia do qual viviam. Um deles, Maximiano Ferreira da Costa namora-se de Ana, filha de Maria do Monte, mulher de côr. João Ferreira e Quitéria Rita eram brancos e por conseguinte seus filhos também, e segundo a tradição rapazes bonitos. Os pais e irmãos de Maximiano se opõem tenazmente a que êste se case com a filha de Maria do Monte. Padre Longino, capelão em Santa Luzia, porque quisesse proteger a filha de Maria do Monte e porque já fôsse inimigo de João Ferreira, ou finalmente levado por outro qualquer motivo, ilude Maximiano e ocultamente casa êste com Ana, filha daquela. João Fererira, mulher e filhos, indignados com êste casamento clandestino, revoltam-se contra o Padre Longino. Os insultos e ameaças de parte a parte não se fizeram esperar. Padre Longino, há tempo vivendo guardado por gente armada a fim de não ser vítima de seus inimigos e conhecendo o gênio de João Ferreira e de todos os seus, previne-se com seu grupo para repelir qualquer ataque dos mesmos. Os Ferreiras Butragos, que gozavam fama de valentões e eram turbulentos e de maus instintos, aguardavam uma oportunidade para desafrontarem-se de Padre Longino, tomando contra êste uma vindita. Um deles, João Ferreira da Costa Júnior, vulgo João Ferreira Moço, em pleno dia, dentro da povoação, atira em um capanga do Pe. Longino; errando porém o alvo, o projetil atingiu a um moço do sertão estranho à intriga, o qual se achava hospedado em casa do mesmo Pe. Longino. O ferido escapou e, indignado com isso, retirando-se para o lugar de sua residência, dalí enviou capangas afamados para o referido Padre Longino, vindo entre os mesmos um de nome Miguel dos Anjos Bahia — vulgo Tempestade Ventania. Os Ferreira Butragos, com a chegada dêsses capangas em Santa Luzia, prepararam-se para desalojar os mesmos da casa de Pe. Longino, planejando um ataque à casa dêste, o qual se realizou a 19 de março de 1839. Nesse dia João Ferreira Butrago, capitaneando seu grupo, toma por trincheira uma das casas da rua então denominada Domingos da Costa, e rompe vivo fôgo de tiros de clavinote para casa do Padre Longino, a qual ficava em outra ruazinha do pequeno quadro em frente à capela, o qual constituia nessa época a povoação de Santa Luzia". ("Apontamentos"... — Idem — Págs. 15 a 17.)

Justiça seja feita, Padre Longino, nesse rol de lutas, colocava-se geralmente na defensiva, ou porque fôsse menos mal formado do que seus inimigos, ou porque descendesse de família mais importante, ou, finalmente, por outro qualquer motivo. Seu principal biógrafo isto mesmo reconhece, explicando ainda que "os Butragos, sendo moradores da povoação, logo no comêço da luta mudaram-se para os subúrbios e tôdas as vezes que atacavam o grupo do Padre, dentro da povoação, se retiravam para as praias de Barra ou Redonda, onde morava Antônio Basílio que também tomava parte nos ataques", ("Mossoró no Século XIX" — Idem — Pág. 8.)

No aludido combate de 19 de março de 1839, Tempestade Ventania aproximou-se muito da casa onde se entrincheiravam os Butrago, a ponto de ser atingido, na cabeça, por certeiro tiro de um dos capangas, que lhe pôs à mostra os miolos,

por êle próprio depois arrancados a mão, tendo assim morte horrível. ("Mossoró no Século XIX" — Idem — Pág. 8.)

Essa luta sangrenta durou muitos anos, envolvendo em sua teia de intrigas até aquêles de ânimo pacato e ordeiro. Antônio Ferreira da Costa, um dos filhos de João Ferreira Butrago, não querendo viver assim, em constante sobressalto, abandonou a região das lutas e foi residir em Apodi, onde, tempos depois, se viu barbaramente assassinado pelo capanga João Evangelista, vulgo Serpentão, natural do Ceará. Êsse fato se deu na noite de 25 de janeiro de 1841, à margem da lagoa que banha aquela localidade. Diz a tradição, registrada por um cidadão chamado Coriolano, do Apodi, que o crime se deu "a mandado de dona Francisca Gomes de Oliveira, casada com o capitão Francisco Cândido das Chagas Sousa, mulher varonil e atleta, a pedido do Padre Francisco Longino Guilherme de Melo". ("Apontamentos"... — Idem — Pág. 18.) Pe. Silveira, na sua versalhada mal feita, assim descreve o episódio:

Antônio Ferreira Costa,
Léguas quatorze apartado,
Lá mesmo o mandou matar
O Poeta Improvisado.

Foi assassino feroz
O Serpentão desalmado.
Como esta temos muitas
Do Poeta Improvisado. (Apontamentos"... — Idem — Pág. 18.)

A notícia dêsse crime, chegando a Mossoró, dispôs os Butrago a investir ainda mais ferozmente contra o Padre e seus capangas. Decorridos seis meses de emboscadas infrutíferas, resolveram os inimigos de Pe. Longino atacar a casa dêste, situada na praça da então capela de Santa Luzia, em Mossoró. A cena sanguinolenta foi assim descrita por Francisco Fausto de Sousa: "Na noite de 14 de julho de 1841 João Ferreira Butrago, capitaneando o seu grupo em número de 14 homens bem armados, conduzindo machados, aproveitando a escuridão da noite, veio colocar-se em frente à Capela de Santa Luzia". (...) "Em frente à capela formava um quadro de pequenas ruas, de casas baixas, sem arquitetura. A mata ficava pelos fundos da capela e pelos lados do sul e norte da mesma. Na rua vis-a-vis à capela era a casa do Pe. Longino. Os Ferreira Butragos, guardados pela escuridão da noite, todos deitados no patamar da capela, combinavam o ataque à casa daquele. Quando se achavam nessa posição, na mesma rua do Padre Longino, abriu-se uma porta e o vulto de um homem sai da casa. Era o velho sacristão da capela, Felipe Mendonça Vasconcelos, que, segundo a tradição, tinha por devoção ir ali tôda noite fazer oração. Partiu do grupo um tiro, a bala foi certeira; Felipe de Mendonça, sentindo-se ferido e morando só, procura a casa vizinha, de Antônio Maçaranduba, e bate, pedindo socorro. A porta abre-se, Felipe entra e, na sala da mesma casa, cai, esvaindo-se em sangue. Hora depois, era cadáver. Foi a primeira vítima da noite de 14 de julho. Em seguida a êsse tiro, os Ferreira Butragos, avançando a certa distância da casa do Padre Longino, dão contra a mesma formidável descarga com seus bacamartes. Pe. Longino e seu séquito, que já se achavam avisados desde o primeiro tiro que havia morto Felipe

de Mendonça, de dentro de casa também atiram para fora contra o grupo daqueles, travando-se medonho tiroteio de balas. Os Ferreira Butragos dividem-se em dois grupos e sitiam a casa do Padre, pela frente e por detrás. O grupo da frente pôde aproximar-se da casa vizinha do Padre Longino, na qual se achava um pobre velho doente, em uso de remédios e aparentado do mesmo Padre, de nome Ezequiel da Costa, e com os machados que conduziam, botaram as portas abaixo, entraram e assassinaram o infeliz Ezequiel, com tiros e punhaladas! Padre Longino, porém, de dentro de sua casa, com o seu grupo, fazia cerrado fôgo contra os inimigos, de maneira que êstes nunca puderam aproximar-se da casa do mesmo padre, como era intuito daqueles, para derrubar as suas portas. O grupo dos Butragos que atirava pelo lado do muro da casa, o qual era capitaneado por Acúrcio Ferreira (um dos mais perversos do bando), tentou escalar o mesmo, porém não pôde conseguir isto devido à forte resistência que por êsse mesmo lado encontrou dos de dentro da casa, resultando dessa tentativa morrer, do lado dos Butragos, um caboclo conhecido pelo nome de Guerreiro, e ser ferido Acúrcio Ferreira, escapando êste milagrosamente, pois o projetil, passando resvalando (sic) o alto da cabeça, arrancou-lhe o couro da mesma. O caboclo assasinado, segundo a tradição, foi às mesmas horas conduzido pelo grupo dos Butragos e sepultado em lugar ignorado. Êsse tiroteio de balas terminou quase pela manhã do dia 15 de julho de 1841, sem que os Ferreira Butragos pudessem conseguir os assassinatos do Padre Longino e do célebre Serpentão, os quais saíram da luta incólumes." ("Apontamentos"... — Idem — Págs. 19 e 20.)

Ainda em 1868, o advogado Jeremias da Rocha Nogueira, então habitando a casa de Pe. Longino, mostrou, ao referido Coriolano, do Apodi, as portas que ostentavam os orifícios das balas agressoras, tapados com madeira, os quais, contados, ascenderam a 63. ("Apontamentos"... — Idem — Pág. 21.)

Um poeta popular, Floriano da Rocha Nogueira, registrou êsse grande tiroteio, servindo-se do conhecido processo do A B C. Ouçamo-lo:

Agora pego da pena,
com dor no meu coração,
contar o fôgo que houve
dentro da povoação.

Bombas de fôgo saíam
pela rua em demasia.
Todo o povo gritava —
Valha-me Santa Luzia!

Catorze homens em frente,
unidos e bem armados,
com treze armas de fôgo,
João Bangu com dois machados.

Dizendo — Eu sou valente
e tenho muito valor—,
correu logo no princípio,
até o chapeu deixou.

Eu pensando estar dormindo,
quando vi a confusão,
só ouvia dizer de fora —
Botem a porta no chão.

Falava o padre de dentro —
Aqui estão os fariseus,
botem a porta no chão,
quem vier dentro morreu.

Gemiam dois inocentes,
de dores atribulados,
de verem seus corpos feridos
de balas traspassados.

Homens maus mas sem idéias,
metidos a valentões,
querem matar na boca
aos cabras Serpentões.

José Vicente falava
como quem tinha paixão —
Aqui está Antônio Basílio,
morreste, cabra ladrão.

Lamentando suas penas,
logo o padre o jurou.
Ao cabo de poucos dias
caro a vida lhe custou.

Miguel Nogueira dizia —
Isto são os meus pecados.
Não, Costa, estão perdidos,
fica sem os dois machados.

Não façam pouco do Padre,
que é do Partido do Sul,
se não tiverem cautela
não há-de ficar nenhum.

O Padre, por mais valor
e por uma opinião,
deu de comer nove meses
ao cabra Serpentão.

Porém foi porque topou
com aqueles patetões,
se não havia de morrer
mais os seus Serpentões.

Queria dar elogio
aos Butragos, graças a Deus.
Nunca fizeram ação
que se diga — Benza-te Deus.

Razão os Butragos teem
e devem ter muita paixão
de quererem matar ao cabra
que matou o seu irmão.

Senhor Eufrásio Alves
é pimpão, quer ser de bem,
como dizer que foi falso
está jurado também.

Todos querem ter razão,
eu não sei qual deles é.
Quem tem razão é o Padre
porque tem feito o que quer.

Vinte letras do A B C,
vinte e uma vou falar:
eu não sei os Nogueiras
que vieram cá buscar.

Xorando (sic) de arrependido,
Antônio Bezerra **xorando,**
andava de porta em porta
testemunha procurando.

Zoou esta intriga,
penso que já se acabou,
tanto que pelejaram
até que o Padre os destinou.

Til não é letra,
é uma comparação.
Quem tiver raiva de mim
chorando peço perdão.

("Apontamentos" — Idem — Pág. 21 e 22.)

Mossoró, nesse recuado ano de 1841, não passava de distrito de paz, cujo juiz, o alferes Alexandre de Sousa Rocha, fazendeiro na Ilha de Dentro, apesar de não dispôr de garantias, abriu inquérito acerca do descrito tiroteio. Da leitura dessa peça se conclui que os Ferreira Butrago, em número de 14, haviam sido os atacantes, razão por que foram por êle, juiz, pronunciados.

Dias após, um grupo de homens armados, sob as ordens de um irmão de Pe. Longino, chamado Lourenço Justiniano Guilherme de Melo, matou José Vicente

da Silva, que havia participado do assalto da noite de 14 de julho de 1841, num subúrbio da povoação, local hoje ocupado pela rua Coronel Gurgel. Sôbre êsse acontecimento, Padre Silveira versejou:

José Vicente da Silva,
mulher e filhos, coitado,
mandou matá-lo de público
o Poeta Improvisado.

Lourenço Justiniano,
irmão do bruto esfaimado,
também nesta morte é cumplice
O Poeta Improvisado. ("Apontamentos" — Idem — Pág. 22.)

Não sei em que fator se baseou Pe. Silveira para responsabilizar seu colega de sacerdócio por êsse assassinato. Os ânimos exaltados como estavam e certos os Guilherme de Melo de que haviam sido vítimas de agressão por parte dos Ferreira Butrago, explica-se assim a violência contra José Vicente, embora hoje nós não a justifiquemos. Todavia, parece ser verdade que êsse linchamento ficou impune, e reza a tradição que, ao ser depositado na capela o cadáver de José Vicente, Pe. Longino teria examinado os ferimentos e dito que era "ali mesmo" que se devia ter atirado, dando então com o pé no cadáver. Afirmava-se, ainda, que o primeiro a atirar nesse infeliz José Vicente foi José Felipe Nery da Silva, parente de Longino. Êsses boatos, todavia, não merecem inteira fé, face ao ambiente de paixão e ódio em que se viam envolvidos o Padre e seus inimigos. ("Apontamentos"... — Idem — pág. 23.)

Afirma-se, ainda, que, receoso de ver apurada a sua responsabilidade no assassinato de José Vicente, resolveu Pe. Longino mandar matar o juiz de paz, alferes Alexandre de Souza Rocha, residente na Ilha de Dentro, incumbindo dessa macabra missão um grupo de capangas, do qual fazia parte o negro Tomaz, de propriedade do Padre. Entretanto, estimando ao Juiz e a sua família, o escravo, a pretexto de sondar o ambiente, deixa o grupo no lugar Camboa, à margem do rio Mossoró e em frente à Ilha de Dentro, e vai sòzinho à casa do alferes, entrando pela porta dos fundos, onde o encontra ceando coalhada. Tomando conhecimento do tenebroso plano, o Juiz agradece ao negro o aviso dado e pede que regresse ao grupo, dizendo que o não encontrára em casa, ocasião em que o mesmo Juiz se ocultava no mato, uma vez que não podia, no momento, reunir os homens necessários à resistência. Deixou, assim, de realizar-se mais um crime naqueles ominosos tempos. Êsses acontecimentos de 1841 teriam sido, muito tempo depois, narrados pelo próprio negro Tomaz ao coronel Alexandre de Sousa Nogueira, quando êste o visitava na qualidade de membro de uma Conferência Vicentina, na cidade do Recife.

Talvez temendo esta belicosidade do Padre, não abriu o Juiz de Paz o inquérito acerca da morte de José Vicente, como o fizera acerca do ataque dos Ferreira Butrago, ocorrido no mesmo ano. ("Apontamentos"... Idem — Págs. 24 e 25.)

Tempos depois, Serpentão abandona o grupo de cangaceiros às ordens de Pe. Longino, fugindo para o Ceará, na direção da ribeira do Jaguaribe. Seus inimigos, tão logo sabem da notícia, perseguem-no tenazmente, chefiados por Eufrasio

Alves (irmão da famigerada Quiteria Rita). Chegaram a aproximar-se muito de Serpentão, a ponto de, não podendo alcançá-lo, em vista de se ter embrenhado a pé mata a dentro, descarregarem os clavinotes sôbre o cavalo do fugitivo. Sòmente assim voltaram a Mossoró, onde prosseguiram, por muito tempo, na tentativa de matar Pe. Longino. ("Apontamentos"... — Idem — Pág. 23.)

Outras escaramuças ocorreram depois do escontro maior da noite de 14 de julho de 1841, em um dos quais os Butrago, entrincheirados em casa de Antônio Frascisco Fraga, vulgo Fraguinha, à margem do rio, daí atiravam para os fundos da casa do Padre. Em informação prestada a Francisco Fausto de Sousa, um filho dêsse Fraguinha, em idade bem avançada, chamado Quintiliano Francisco Fraga, disse que Pe. Longino, dias depois dêsse tiroteio, mandou tocar fôgo na casa de seu pai, aproveitando ocasião em que a família estava ausente, ("Apontamentos"... — Idem — Págs. 25 e 26.)

Não seria, pois, de causar admiração a mudança dos Ferreira Butrago para Caatinga do Góis, no Ceará, hoje Jaguaruana e antes União. E foi o que fizeram, entre 1841 e 1845, quando Pe. Longino se retirou de Mossoró passando pelo Ceará e Piauí, demorando-se no Maranhão, para finalmente fixar residencia no Piauí. Efetivamente, com a mudança dos Ferreira Butrago para o Ceará, Pe. Longino foi despachando seus capangas, até que, com a chegada do vigário colado da novel freguesia de Santa Luzia de Mossoró, Pe. Antônio Joaquim Rodrigues, resolveu mudar de pouso. Acompanhado, dentre outros, por seu colega de sacerdócio, Pe. Leonardo de Freitas Costa, de Raimundo Gomes de Oliveira, irmão do Pe. Florêncio Gomes de Oliveira, de João Braz Freire de Oliveira e de Joaquim Soares, vulgo Melado, que se fazia seguir, por sua vez, de mulher e filhos, deixou a terra natal aquêle que por tantos anos a trouxe em sobressaltos. Dizem que, no Piauí, quando de sua viagem, adiantando-se da comitiva com o fito de tomar banho, foi ter à fazenda de um criôlo rico e mandão, segundo uns, ou de um fazendeiro ausente, que deixara seu imóvel sob a guarda de um negro, segundo outros. Pe. Longino, chegando molhado pela chuva, encontrou o dito criôlo jantando em companhia de amigos. Desconhecendo a valentia e o gênio do Padre, o mestiço perguntou-lhe: "Senhor Padre, se V. Revma. achasse quem lhe desse roupa enxuta para mudar, acharia bom?" Recebendo resposta afirmativa, o criôlo debicou, "Mas não tem..." E assim fez com a comida, o vinho, etc. Quando chegaram os do comboio do Padre, seus sequazes receberam ordem de agarrar o criôlo, amarrá-lo a um esteio da casa e vesgatá-lo com uma formidável peça de nó, depois do que aquêle perguntou: "Negro, se por acaso chegasse aqui alguma pessoa caridosa que te acudisse e me pedisse para soltar-te, tu acharias bom?" Recebendo, por seu turno, resposta afirmativa, o Padre zombou: "Mas não tem... Apanhe para não ser atrevido..." e mais lombadas recebeu o mestiço petulante e pouco hospitaleiro. Sòmente depois que saciou sua raiva, prosseguiu o Padre sua viagem, deixando o negro bastante surrado. ("Apontamentos"... — Idem — Págs. 27 e 28; "Mossoró no Século XIX" — Idem — Págs. 13 e 14.)

Pe. Leonardo apartou-se de seu colega, subindo as águas do Parnaíba, indo ter ao grande arraial do Buriti, à margem do rio Preto, em Minas Gerais, onde fixou residência e morreu em idade avançada. João Braz, depois de praticar um homicídio, evadiu-se e não deu de si mais notícia. Raimundo Gomes esteve algum tempo em Poti, no Piauí, em companhia do coronel Diogo Lopes da Rocha Medrado, regressando depois para o Apodi, de cuja freguesia o irmão era vigário, ali chegando por

volta de 1852, casando e fixando residência. E Melado voltou para Mossoró, onde acabou seus dias carpindo a dor de ser traído pela mulher e pelo Padre..." (Apontamentos"... — Idem — Págs. 28 e 29.)

Quanto a Pe. Longino, afirmam alguns documentos que não gostou do Maranhão, porque, indo oferecer seus serviços ao bispo diocesano, teve como resposta que fôsse prégar aos índios... ("Apontamentos... — Idem — Pág. 29.)

Todavia, há quem diga que foi vigário de várias freguesias no interior do Piauí, então enquadrado naquela diocese, quando realizou inúmeras viagens em pequenas embarcações, nas quais gastava dois ou mais meses, oportunidades em que se dedicava à catequese de índios, tendo batizado de uma feita tôda uma tribo, educando-a no trabalho de plantação. ("Mossoró no Século XIX" — Idem — Pág. 13.)

Mas, uma coisa ou outra, o que parece certo é que se fixou no Piauí, onde passou a viver das missas que celebrava. Ali envelheceu, cegou e empobreceu, motivos êsses que determinaram, em 1872, a sua volta para a terra natal. Andando, por êsse tempo, pelo interior do Ceará, cobrando dívidas oriundas de transações comerciais, Laurentino Martins da Silveira encontrou Pe. Longino no Crato ou no Icó curtindo seu sofrido e demorado regresso, dando disso notícia em Mossoró, tão logo voltou. Era tal o estado de penúria do Padre que sua viagem se fazia lenta e penosamente, à custa de subscrições populares realizadas nas localidades por onde passava. Seus parentes, até então ignorando seu paradeiro e até se vivo era, viram confirmada a notícia do comerciante mossoròrense através de carta que Pe. Longino dirigira ao Pe. Antônio Joaquim. Assim, em abril de 1872, foi o filho pródigo festivamente recebido pelos parentes e conterrâneos, pois os velhos queriam rever a lendária personagem, enquanto os mais novos desejavam conhecê-lo. A recepção se fez através de numerosa cavalgada, dando-se o encontro nas proximidades da serra de Mossoró. E a comitiva engrossava à proporção que se ia aproximando da localidade que foi teatro das inúmeras façanhas do Padre. ("Apontamentos"... — Idem — Pág. 29.)

Em seu regresso, Pe. Longino trouxe consigo uma filha, de que descendem inúmeros Guilherme de Melo, residentes no Rio Grande do Norte e Ceará. Na sua companhia, após alguns meses de permanência em Mossoró, foi residir em Upanema, na qualidade de capelão, dizendo apenas uma espécie de missa, a da Conceição, que sabia de cór. Mas em 1877 refugiou-se em Mossoró, acoçado pela terrível sêca dêsse ano, seguindo depois para Areia Branca, onde exerceu o ministério, de licença do vigário, Pe. Antonio Joaquim. Mas adoeceu nessa última localidade e retornou a Mossoró, onde faleceu no ano de 1878 (ou 1879, como querem alguns), sendo sepultado na Capela de São Sebastião do Cemitério Público de Mossoró ("Onde está sepultado o Padre Longino" — José Aoem Estigarriga Menescal — In "Boletim Bibliográfico", ano VI, n. 69 — Fevereiro de 1954 — Mossoró — Pág. 3.)

Ao regressar de sua longa viagem ao Piauí e Maranhão, Pe. Longino ainda encontrou vivos, em Mossoró, alguns dos seus encarniçados inimigos, entre os quais João Ferreira Butrago, que já contava mais de 90 anos. Ao então vigário, êste dissera que não procuraria vingar-se de Pe. Longino, mas, se o encontrasse e dispusesse de arma de fôgo, aproveitaria a oportunidade para desforrar-se. ("Mossoró no Século XIX" — Idem — Pág. 14.)

Convém esclarecer que, depois de 1845, ano em que Pe. Longino deixou Mossoró,

os Ferreira Butrago voltaram para essa localidade, ficando apenas alguns deles, como Manuel Varela, Florêncio Varela e Lourenço Ferreira, no Ceará. Em 1872, quando do regresso de Pe. Longino, achavam-se velhos, doentes e pobres, semelhantemente a seu velho inimigo, pelo que não puderam mais brigar. Os poucos descendentes dos Ferreira Butrago ainda existentes em Mossoró são todos miseráveis e de baixa condição social. É que, como lembra Francisco Fausto de Sousa, "nunca se fez rua de valentões..." ("Apontamentos" — Idem — Págs. 30 e 31.)

Os Guilherme de Melo que escaparam a essa lei inexorável foram os que emigraram, meu avô inclusive.

E assim finda a história de um sacerdote que, nascido com a diferença mínima de 8 meses do nosso célebre Pe. Verdeixa, veio a terminar seus dias na mesma década em que êste prestava contas a Deus de sua atribulada existência. Vidas paralelas no tempo, não quis o destino que se diferençassem no mais... Que a época agitada em que viveram e a herança que receberam de ancestrais necessàriamente belicosos sejam motivos suficientes para esperarmos da Suprema Misericórdia o eterno perdão para suas faltas.